



**ESPAÇO E CULTURA:  
AS ANTIGAS SALAS DE CINEMA DE RUA DE SANTA CATARINA**

Bhrenda Ketlyn Batista  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
bhrenda.batista@hotmail.com

Luís Eduardo Candeia  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
luis.eduardo.candeia@gmail.com

Willian Sartor Dallabrida  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
wiiswancz@hotmail.com

**RESUMO:**

Este estudo geográfico sobre o cinema consiste em uma investigação quanto às formas de organização espacial da indústria cinematográfica do ponto de vista econômico, político e cultural com foco na esfera da exibição. O artigo apresenta os resultados preliminares da pesquisa "Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina" (UDESC). Orienta-se metodologicamente de forma a entender a organização da exibição cinematográfica catarinense enquanto uma resposta à lógica de formação e regionalização do espaço. A problemática deste ensaio responde à necessidade do reconhecimento do valor social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina.

Palavras-chave: Exibição Cinematográfica. Cinema de rua. Santa Catarina.

GT – “11”: “Geografia Urbana dos Lazerés”



## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo geográfico sobre o cinema brasileiro consiste em uma investigação quanto às formas de organização espacial da indústria cinematográfica nacional do ponto de vista econômico, político e cultural com foco na esfera da exibição. As salas de cinema de rua são edificações marcantes nos centros urbanos de pequenas à grandes cidades brasileiras. Algumas inativas e degradadas, outras apropriadas pelo culto religioso e tantas que restam apenas na memória dos mais antigos: não resistindo ao impacto do tempo, ruíram. De símbolos da modernidade na primeira metade do século XX, hoje estas edificações recebem o olhar nostálgico dos passantes. A problemática deste ensaio, portanto, responde à necessidade do reconhecimento do valor cultural, arquitetônico e social destas antigas salas na escala do estado de Santa Catarina.

Mesmo voltando o olhar para Santa Catarina, sabe-se que a problemática é muito mais ampla - abrangendo todo território nacional - podendo ser verificada inclusive em outras partes do globo que viveram o mesmo processo. Observa-se que o fechamento das salas de cinema de rua foi paralelo à extinção das salas de cinema das pequenas cidades do interior. E, nas grandes cidades, estas deslocaram-se dos centros tradicionais para as novas centralidades pontuais representadas pelos shopping centers (POZZO, 2015). O estado de Santa Catarina apresenta uma divisão administrativa baseada na pequena cidade, principalmente na vertente atlântica do território e no oeste catarinense. Por esta razão, este estado foi um dos que mais perdeu salas de rua desde que estas começaram a ser desativadas, processo que culminou na década de 1990. Em 2008, do número total das salas brasileiras, 26,9% eram cinemas de rua. Em 2015 esse número caiu para 10,2%, contrapondo com 89,8% localizados em shoppings (ANCINE, 2015).

No cenário nacional, segundo dados de 2015 da Agência Nacional de Cinema e Audiovisual (ANCINE), apenas 7% dos municípios brasileiros possuem uma sala de cinema. Atualmente, o Brasil apresenta cerca de 3005 salas de exibição comercial que estão concentradas, na verdade, entre 743 pontos de exibição, majoritariamente complexos multiplex (ANCINE, 2015). Deste total, 50% estão localizadas em municípios com mais de 500 mil habitantes. Estes 743 pontos estão distribuídos entre 388 cidades, das quais menos de 90 têm mais de um ponto de exibição.

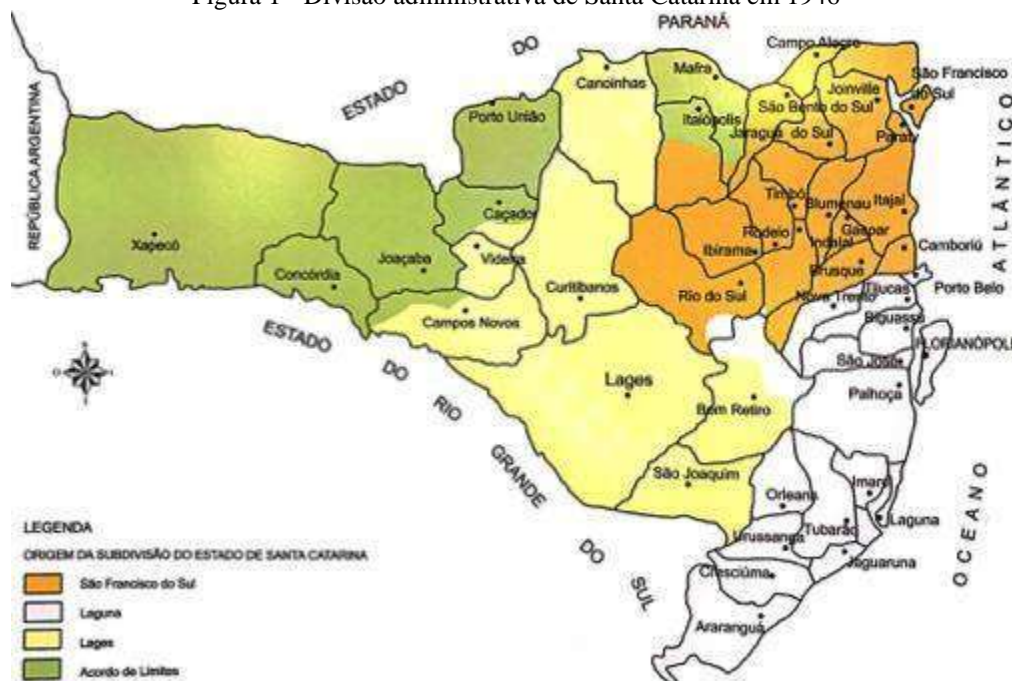
Em Santa Catarina apenas 31 dos 293 municípios possuíam, no ano de 2010, um



cinema, e estes, em geral, seguem o padrão multiplex e estão instalados em shopping centers. Este padrão organizacional e tecnológico adentrou o território nacional a partir da década de 1990 por força de grandes corporações de mídia e foi, em grande parte, responsável pela extinção do antigo modelo: as salas de rua. As grandes salas dos anos 1930 chegam aos anos 1970 obsoletas tecnicamente e seu modelo de grandes saguões e plateias de mais de 1000 lugares não resistiu à especulação imobiliária dos centros urbanos. Quando as grandes construções se tornam um prejuízo para os proprietários dos imóveis, estes preferiram alugá-las a empresas mais rentáveis.

O artigo apresenta os resultados preliminares da pesquisa "Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina". Sua organização, segue a metodologia de pesquisa do projeto, que se deu de acordo com as 6 regiões geográficas do estado, destacando as cidades-polo de cada uma: Grande Florianópolis, Sul, Planalto Serrano, Norte, Vale do Itajaí e Oeste. Isto porque, a organização da exibição cinematográfica catarinense, responde à lógica de formação e regionalização do espaço.

Figura 1 - Divisão administrativa de Santa Catarina em 1946



Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 2013.

Este mapa de 1946, por exemplo, próximo ao momento auge da exibição cinematográfica no Brasil e em Santa Catarina, mostra uma organização espacial em que praticamente todas as cidades apresentavam salas de cinema.



## 2 GRANDE FLORIANÓPOLIS

A chegada do cinema à Grande Florianópolis acompanhou o processo de modernização da cidade-polo da região. Este processo inicia-se no final do século XIX a partir da acumulação de capital proveniente, por um lado, da drenagem da renda da pequena produção açoriana, e, por outro, do grande comércio import-export e tem seu ponto culminante nos anos 1960 a partir do movimento nacional de expansão da administração pública (POZZO, 2010).

A primeira exibição cinematográfica na cidade de Florianópolis ocorreu em 21 de julho de 1900, no prédio do atual Teatro Álvaro de Carvalho. No mesmo local instalou-se a primeira sala fixa da capital, o **Cine Theatro Variedades**. Munarim (2009, p. 97) explica que este espaço abrigou também o **Cine Royal** e, na sequência, o **Cine Odeon**. Os outros cinemas que foram surgindo ao longo dos anos, localizavam-se principalmente na região central da cidade, nos arredores da Praça XV de Novembro.

O **Cine Centro Popular**, inaugurado na década de 1930, localizava-se no antigo Palácio do Arcebispo. Nele ocorriam sessões de filmes, festas e espetáculos teatrais, fomentando a cultura municipal. O mesmo espaço abrigou outro cinema, o **Cine Odeon** que posteriormente se transferiu ao Teatro Álvaro de Carvalho. José Daux, proprietário de diversos cinemas na cidade, arrendou a edificação e dirigiu o **Cine Roxy**.

O **Cine Ritz** foi inaugurado em 1935 com o nome de **Cine Rex**. Em 1943, José Daux, proprietário do edifício, não renovou o contrato com o Cine Rex e abriu seu próprio cinema, chamado Cine Ritz. O Cine Ritz era bem equipado, possuía lugar para 700 espectadores, e contava com vestíbulo, balcão, *bombonnière* e *foyer*.

O **Cine Imperial**, teve sua inauguração em 1939, tratando-se de um cinema relativamente pequeno, com apenas 340 lugares. Entretanto era bem equipado, pois possuía *bombonnière* e *foyer*. Tornou-se mais tarde o **Cine Coral**, e posteriormente abrigou o **Cine Carlitos**.

O **Cine São José**, também propriedade da família Daux, abriu suas portas em 1954. Foi o maior cinema da cidade, com 1000 lugares. O interior, luxuoso, foi desenvolvido por Franklin Cascaes, famoso folclorista catarinense. Atualmente a edificação abriga uma igreja, e como a maioria dos antigos cinemas, o interior da



edificação encontra-se descaracterizado.

O **Cine Ponto Chic**, com data de inauguração não identificada, foi um cinema frequentado pela alta sociedade florianopolitana, localizado na rua Felipe Schmidt. Posteriormente abrigou também o **Cine Lido**, e em 1959 tornou-se o **Cine Central** que teve seu fechamento em 1960. Atualmente abriga uma livraria.

Por fim, o **Cine Cecomtur**, também de José Daux, foi inaugurado em 1975 para ser o cinema do Hotel Cecomtur. Foi desativado em 1994, um dos últimos a fechar as portas na cidade. Nos dias de hoje, abriga o auditório da Justiça Federal.

Além de Florianópolis, a cidade de Tijucas tem destaque no cenário da exibição cinematográfica da região, apresentando em sua história 5 salas de cinema de rua fixas: **Cine Theatro Manoel Cruz**, **Cine Lohse** (1945), **Cine São João** (1952), **Cine Canelinha** (1956) e o **Cine Astória** (1953). Outras cidades como Nova Trento, Biguaçu, São José e Palhoça também apresentaram cinemas, como o **Cine Scharf** inaugurado em 1967 nesta última.

Quadro 1 - Cine Ritz (Florianópolis), à esquerda, Cine Odeon (Florianópolis) ao centro e acima e Cine Scharf (Palhoça) ao centro e abaixo e Cine Coral (Florianópolis) à direita.



Fonte: Acervo Casa da Memória de Florianópolis

A edificação do Cine Ritz está sendo reformada para um Curso Pré-vestibular. A edificação do Cine Odeon abriga atualmente a Cúria Diocesana. O antigo edifício do Cine Coral comporta hoje uma loja de utilidades. A edificação do Cine Scharf não foi localizada pela pesquisa.

Os cinemas entraram em decadência a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, não resistindo à especulação imobiliária e ao modelo do cinema de



shopping. Atualmente a população da região acessa o cinema através das salas multiplex instaladas pelas grandes redes de exibição (nacionais e estrangeiras) nos diversos shoppings centers instalados a partir dos anos 1990.

### 3 SUL CATARINENSE

Nesta região, a história do cinema tem início na cidade mais antiga, Laguna. A fundação da vila que daria origem à cidade, no século XVI, liga-se a dois motivos iniciais. O primeiro motor do povoamento deu-se em virtude de a localidade ser um ponto estratégico nas disputas pelo Território do Prata, constituindo o último ancoradouro para as tropas portuguesas. O segundo motor foi o fato de Laguna estar na rota dos caminhos do gado que, inicialmente fazia-se em parte pelo litoral (LUCENA, 1998). No século XVIII a cidade tem seu primeiro grande impulso de crescimento pela imigração açoriana. A população passa de 2,5 mil pessoas em 1770 para 9 mil em 1820, o que movimenta a função portuária. Entretanto, sem dúvida, a passagem do século XIX para o XX foi o grande momento econômico para Laguna, quando esta configurava-se como o principal porto exportador da produção dos prósperos vales atlânticos do sul do estado, povoados no século XIX especialmente por imigrantes italianos. É neste contexto de ascensão que surgem as primeiras salas de cinema da cidade. Nas trilhas urbanas percorridas em nosso projeto, descobrimos, surpreendentemente, 7 delas: **Cine Poeirinha**, **Cine Roma**, **Cine Central/Palace**, **Cine Glória/Arajé**, **Cine Natal**, **Cine Saturno** e **Cine Mussi**.

A história dos cinemas de Laguna confunde-se com a história de vida do Sr. Epiphânio Joaquim Nunes Medeiros, nascido em Jaguaruna em 1886 e falecido em 1971. O primeiro cinema de Epiphânio foi na cidade de Tubarão e chamou-se **Cine Azul**. Nesta cidade montou também o **Cine Yolanda**. Tubarão abrigou também os Cines **Vitória** e **São José**. Mudou-se para Laguna, arrendou o Cine Central e o Arajé e construiu o Cine Roma. Teve também cinemas em Jaguaruna, Criciúma e Orleans. O Cine Roma foi inaugurado em 22 de agosto de 1965 com o filme “O Espadachim Vingador”.



O Cine Mussi é a sala que está mais presente no imaginário da população, em virtude da imponência de sua edificação, marcante até os dias de hoje. De acordo com informações do IPHAN-SC, este edifício foi projetado pelo arquiteto suíço Wolfgang Ludwig Rau (1916-2009) a pedido do Sr. João Mussi. Começou a ser construído em 1947, em um terreno localizado no centro da cidade, já utilizado para apresentações de espetáculos, ambulantes e recreação de crianças.

Inaugurado em 17 de dezembro de 1950, tornou-se um centro de atividades sociais, espaço para entretenimento, cultura e comércio. Com sucesso incontestável nas décadas de 1950, 1960 e 1970, as sessões de cinema foram extintas na década de 1980. Daí até o início dos anos 1990 ainda foram realizadas formaturas e apresentações culturais, mantendo o Cine Teatro Mussi como um importante polo de cultura e acontecimentos sociais para a cidade. Após seu fechamento temporário em 1992, veio a reabrir em 2001 como igreja. Após 2005, a parte da edificação correspondente ao Cine Teatro foi interditada em virtude das instalações elétricas inadequadas segundo as normas vigentes, permanecendo em funcionamento apenas a área comercial. O processo de reabilitação da edificação teve início em 2011 e foi concluído em 2014.

Quadro 2 - À esquerda, o Cine Mussi (Laguna). À direita e acima, o Cine Roma (Laguna) e abaixo o Cine São José (Tubarão).



Fonte: POZZO, 2016.

O Cine Mussi foi comprado pelo IPHAN e atualmente funciona como um centro cultural gerido pelo SESC. A edificação do Cine Roma, em parte, abriga uma funerária. O antigo Cine São José foi recentemente comprado e passa por processo de reforma, depois de décadas de abandono.



Atualmente na região, assim como no restante do estado, a maioria das salas de rua foi fechada, e as existentes no momento, funcionam nos shoppings das maiores cidades e pertencem à grandes redes exibidoras.

#### 4 VALE DO ITAJAÍ

A região do Vale do Itajaí desenvolveu-se com a imigração europeia em meados do século XIX. A primeira cidade foi Itajaí, em seguida Blumenau e posteriormente Brusque. Da foz do Rio Itajaí adentrando o Vale, estas cidades formaram prósperos núcleos comerciais, e posteriormente industriais, onde o cinema mostrou-se muito presente, especialmente na cidade de Blumenau.

Nos primórdios as películas eram apresentadas em salões de igrejas, clubes, teatros ou em cinemas itinerantes. Os pioneiros dos cinemas itinerantes do Vale do Itajaí foram José Julianelli e Alfredo Baumgarten (PIRES, 2000). Ambos, além de apresentarem películas também começaram a produzir suas próprias imagens cinematográficas.

A primeira exibição cinematográfica da região (e possivelmente do estado de Santa Catarina) aconteceu em 1900, promovida Sr. G. Koehler, no Teatro Frohsinn de Blumenau. Em seguida, em 1904 a primeira sala de exibição fixa é instalada por Guilherme Frederico Busch no salão do Hotel Holetz, o **Cine Busch**, vindo a ter sua edificação exclusiva construída somente em 1940<sup>1</sup>.

Walter Mogk, chegou na década de 1930 a Blumenau e abriu inicialmente um circo com apresentações de mágica e shows lúdicos, até decidir abrir seu primeiro cinema. Mogk chegou a ter cinco cinemas na região, em Pomerode, Indaial, Timbó e Gaspar. O **Cine Mogk** em Blumenau, inaugurado no ano de 1941 no bairro Itoupava Norte, contava com 250 assentos, e encerrou suas atividades em 1986, sendo o edifício demolido em 1990 (BONA, 2008).

Em 1941, iniciam as operações do **Cine Garcia**, cinema das camadas mais populares. Suas apresentações começaram no salão de Hermann Hindkeldey, com

---

<sup>1</sup> Informação verbal. Entrevista concedida por Carlos Braga Müller, jornalista blumenauense, cinéfilo e sócio de antigos cinemas na cidade de Blumenau. Entrevistada por Yasmin Lopes Müller em 31 de janeiro de 2017.





inauguração oficial em 1944 quando se tornou fixo, até o ano de fechamento, 1974. Em 1951, foi fundado o **Cine Blumenau**, que tinha como proprietários Paul Schindler e Antônio Cândido de Figueiredo, e funcionou até 1983. Ele contava com 960 lugares na plateia e 360 no balcão, totalizando 1320 poltronas<sup>2</sup>.

O **Cine Atlas** ficava localizado na rua Theodoro Holtrup, fundado pelos sócios Alvacyr Ávila dos Santos, Eva Taescher e Carlos Braga Mueller. O cinema esteve em funcionamento de dezembro de 1965 até o ano de 1972. Atualmente a edificação ainda existe e funciona como um depósito. Caracterizou-se por lançar filmes alemães inéditos do pós-guerra, que eram muito populares entre a população local.

No ano de 1974 abre as portas mais um cinema na cidade, o **Cineclube Carlitos**, novamente uma parceria entre Alvacyr Ávila, Eva Taescher e Carlos Braga Mueller, localizado no bairro Itoupava Seca. Foi o primeiro cinema na cidade a ter sistema de ar-condicionado e contava com o serviço diferenciado de reserva de poltrona por telefone.

Em 1983 com uma enchente de quase 16 metros acima do nível do Itajaí Açú, a sala do Cineclube Carlitos ficou inundada. A água invadiu a plateia do Cine Blumenau e o primeiro piso do Cine Busch, e a cidade ficou bastante tempo sem ter cinema no centro. O Cine Blumenau não voltou a funcionar. O Cine Garcia e o Atlas já não existiam. O Mogk reabriu, mas só funcionou até dezembro de 1986. Na contemporaneidade, as salas de cinema de Blumenau são propriedade de grandes redes de exibição, como a Cinépolis, GNC e a Arcoplex, localizadas em shoppings.

Em Itajaí, as sessões de cinema iniciaram no Salão da Sociedade Guarany no ano de 1909. Em 1938 é inaugurado o primeiro cinema fixo da cidade, **Cine Itajahy**, que operou até 1980. No mesmo ano foi inaugurado o **Cine Ideal**. Em 1947, na Rua XV de Novembro, abrem as portas do **Cine Rex**, com capacidade para 400 pessoas. Posteriormente o cinema foi vendido para o grupo Arco-Íris, de Lages, e dividido em duas salas, **Cine Coral** e **Cine Scala**. Na década de 1950 a cidade de Itajaí conta com mais um cinema, o **Cine Luz**, com capacidade para 750 ocupantes. Foi o primeiro cinema na cidade a exibir um filme 3D.

---

<sup>2</sup> Informação verbal. Entrevista concedida por Adalberto Day, cientista social. Entrevistado por Yasmin Lopes Müller em 31 de janeiro de 2017.



Na cidade de Brusque, o protagonismo ficou por conta da família Gracher, desde os primórdios do cinema na cidade até os dias de hoje. Carlos Gracher em 1934 instalou o primeiro cinema fixo da cidade, **Cine Teatro Guaraní**. No ano de 1949, seu filho Arno Carlos Gracher inaugura o **Cine Teatro Real**, que funcionou até o ano de 1957, contando com 500 assentos, até ser fechado por conta de um incêndio. Em 1956 o **Cine Teatro Real** reabre suas portas com uma edificação reconstruída e capacidade para 1250 lugares, que veio a encerrar suas atividades em 1994. A cidade também contou com o **Cine Coliseu**, de 1954 e o **Cine Ufa**, estes não pertencentes à família Gracher.

Quadro 3 - À esquerda, acima vê-se as dependências do Hotel Holetz. Abaixo, na década de 1940 a edificação própria estilo Art Déco. Ao lado, anúncio especial de natal em 1931 do Cine Busch.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.  
A edificação do Cine Busch encontra-se fechada.

## 5 NORTE CATARINENSE

A região Norte sofreu diversas divisões territoriais com o passar dos anos, iniciando por dois caminhos distintos: provindos de São Francisco do Sul e da divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina. Esta região tem como a cidade mais antiga, São Francisco do Sul, que se tornou distrito em 1658, dando origem então às demais cidades.



A história do cinema na região é tão precoce quanto sua origem. Segundo anúncio do jornal Legalidade de 9 de outubro de 1900, o Salão Knop em São Bento do Sul, sediou o primeiro “*Kinematographo*” exibindo “A Exposição de 1900 de Paris”. A partir daí as sessões de cinema passaram a ter importância na região, instalando-se inicialmente em salões como: o **Cine Guanary**, junto ao Salão Berner em 1911, em Joinville; o **Cine Esperança/Cine Link** que funcionava no Clube 16 de Abril (Itaiópolis), o qual fornecia lugar para a realização de bailes, teatro e eventos, além do cinema; e o **Salão Mielke** (Jaraguá do Sul), que abrigava também açougue, sala comercial e sala de bailes, por volta de 1920.

Quadro 4 - À esquerda, anúncio do Cinematógrafo em São Bento do Sul. À direita e acima, Clube 16 de Abril onde funcionou o Cine Link/Esperança de Itaiópolis<sup>3</sup>. Abaixo, o Salão Mielke, de Jaraguá do Sul.



Fonte: Hemeroteca Catarinense<sup>4</sup>; Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul.

A edificação do Clube 16 de Abril ainda existe, porém, funcionando apenas como clube. O Salão Mielke foi vendido e passou a funcionar como açougue, até ser demolido.

Analisando a formação territorial da região, percebe-se que as 4 salas de cinema que Jaraguá do Sul apresentou até os anos 1930, pertenciam, na verdade à Joinville, tendo em vista que a primeira se emancipou da segunda apenas em 1934 (IBGE). São

<sup>3</sup> Fonte: <[facebook.com/itaiopolissw/](https://facebook.com/itaiopolissw/)>. Acesso em 12 de março de 2017.

<sup>4</sup> Fonte: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>>. Acesso em 25 de abril de 2017.



estes **Cine Jaraguá**, **Cine Central**, **Cine Ideal** e também o **Salão Milke**. O primeiro cinema da cidade de Jaraguá já emancipada foi o novo Cine Jaraguá, inaugurado em 1959.

Nos anos 1950 o cinema já havia se difundido pela região e, novas cidades, mesmo as menores passaram a possuir salas de cinema. Como o **Cine Brasil**, fundado em 1946 em São Bento do Sul; o **Cine Rio Negrinho**, construído em 1947 em Rio Negrinho; o **Cine Teatro X de Novembro**, de 1950 em São Francisco do Sul. O **Cine Cólón**, o qual pertencia à Nelson Water, foi planejado para estar junto do Hotel Colón, em Joinville. O cinema foi inaugurado em 1956, e o hotel apenas em 1964, mostrando o quão presente na vida urbana catarinense o cinema estava nessa época.

O **Cine Cólón**, assim como diversas salas de cinema, fechou suas portas em virtude de um incêndio que tomou conta da edificação, exatamente 27 anos após sua inauguração<sup>5</sup>. O último cinema de rua a ser inaugurado na cidade de Joinville foi o **Cine Chaplin**, em 1984, funcionando apenas até 1991.

Quadro 5 - À direita, Cine Brasil, em São Bento do Sul; ao centro o Cine Rio Negrinho<sup>6</sup> e à direita o Cine Cólón após o incêndio.



Fonte: Arquivo Histórico de São Bento do Sul; Acervo Agência RBS.

A edificação do Cine Brasil é presente até os dias atuais, funcionando como centro cultural. O Cine Rio Negrinho é hoje ocupado por uma loja de eletrodomésticos. O Cine Cólón permanece como ruína.

## 6 PLANALTO SERRANO

O povoamento do Planalto Serrano Catarinense, relaciona-se com o Caminho das Tropas, via de transporte de gado de corte e muares estabelecido no século XVIII entre os pampas de Viamão no Rio Grande do Sul – centro produtor – e Sorocaba em São Paulo – centro de comercialização e consumo (PEIXER, 2002).

<sup>5</sup> Fonte: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/anexo/noticia/2013/11/incendio-que-destruiu-cine-colon-em-joinville-completa-30-anos-4332257.html>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

<sup>6</sup> Fonte: <<http://blogdoosmairbail.blogspot.com.br>>. Acesso em 10 de maio de 2017.



Na cidade-polo da região, Lages, o acúmulo de riquezas e poder oriundos da atividade pecuarista, foi capaz de criar uma elite economicamente privilegiada, que possuía em seus discursos desejos e projetos de modernidade, referenciando padrões estrangeiros (LAVOURA, 2013). Nesta cidade, as primeiras exibições cinematográficas foram de *kinetoscópios* e cinematógrafos ambulantes durante o início do século XX (MUNARIM, 2009).

A Sociedade Dramática Perseverança foi a responsável pela construção do **Teatro São João** em 1889 no centro da Praça João Costa, que posteriormente com a definição do código de posturas do município iria se tornar o **Teatro Municipal**, onde ocorreriam as primeiras sessões de cinema em um local edificado na cidade. Em 1915 suas dependências sediavam o **Ideal Cinema**, a novidade foi sucesso de público e suas sessões estavam sempre lotadas, apesar de esporádicas pela dificuldade geográfica da chegada dos rolos à Lages.

Entretanto, o grande impulso para o setor de cinema deu-se a partir da chegada do empresário português Mário Augusto de Sousa. Sousa arrendou o **Teatro Municipal** em 1926, fazendo melhorias significativas em sua estrutura, comportando assim as sessões de cinema ainda mudo em camarotes e poltronas. O **Teatro Municipal** trata-se de uma edificação construída antes da era do cinema, entretanto, com as adaptações realizadas por Mário Sousa, tornou-se uma sala de exibições. Neste ano, fundou ainda a empresa Mário A. de Sousa LTDA, que iria dominar o setor por décadas em Lages.

A partir do final da década de 1930, Lages passa a ser polo industrial madeireiro estadual, resultando em grande efervescência econômica e artística, sendo considerado um dos maiores centros culturais de Santa Catarina, ao lado de Florianópolis e Blumenau, por seu adiantamento intelectual e social. (LAVOURA, 2013). A cidade então passa a contar com edifícios que retratam esse período simbólico de modernidade (PEIXER, 2002).

Após 12 anos sediando os principais acontecimentos da cidade, o **Teatro Municipal** foi demolido dando lugar à um edifício educacional. Em 1939, Mário Augusto de Sousa inaugura com capital privado o **Cine Teatro Carlos Gomes**, popularmente conhecido como "**Poeira**". Trata-se da primeira edificação construída



propriamente para a finalidade cinematográfica. Souza, além do maquinário de ponta, conseguiu contratos exclusivos com grandes produtoras americanas.

No ano de 1947, Sousa idealiza o maior edifício para fins culturais que a região conhecia, o **Cine Teatro Marajoara**, no coração da cidade. Suas dependências luxuosas eram decoradas com elementos indígenas responsáveis por seu nome, o que marca um edifício *art déco* singular no país. O **Cine Teatro Marajoara** representa o ápice da arte cultural e do poder econômico da cidade, sendo realizado em seu palco, a primeira edição do Festival Brasileiro de Cinema em 1976.

Quadro 6 - Teatro Municipal, Cine Teatro Carlos Gomes e Marajoara.



Fonte: Acervo Fundação Mário Augusto de Sousa.

O Teatro Municipal foi demolido em 1938. A edificação do Teatro Carlos Gomes abriga atualmente uma loja de eletrodomésticos. O Marajoara foi tombado e figura como o principal teatro da cidade.

Igualmente singular, o **Cine Teatro Tamoio**, foi inaugurado apenas um ano depois, por iniciativa do empresário Roberto Ferreira, com intenção de atrair o público popular, também com sessões para o público adulto.

O único cine fora do perímetro central da cidade foi inaugurado em 1956, o **Cine Avenida**, popularmente chamado de **Cine Coral**, referenciando o bairro onde está localizado, construído por iniciativa dos irmãos Arlindo e Odilo Ribeiro.

A partir de 1962, Mário Leopoldo dos Santos adquiriu o Cine Avenida e mais tarde a empresa Mário A. Sousa LTDA. Construiu em 1964 o **Cine Marrocos**, “maior cinema em número de lugares de Santa Catarina, evidenciando o crescimento demográfico convertido em público espectador” (LAVOURA, 2013, p.159), simbolizava a modernidade por fim alcançada em Lages. Na atualidade, faz parte do seletto grupo de cinemas de rua que ainda funcionam no país.



Quadro 7 - Cine Teatro Tamoio, Cine Avenida e Cine Marrocos



Fonte: Fundação Mário Augusto de Sousa; Acervo pessoal de Willian Dallabrida  
A edificação do Cine Teatro Tamoio foi tombada e hoje abriga uma igreja evangélica. O Cine Avenida encontra-se em desuso. O Cine Marrocos funciona como cinema até os dias de hoje.

Atualmente, Lages conta com 5 salas de cinema distribuídas em 2 complexos, o Cine Marrocos na área central e o Cinemark com 4 salas, inaugurado em 2014 em um shopping.

## 7 OESTE CATARINENSE

O oeste do estado de Santa Catarina é composto atualmente de 118 cidades. Mas nem sempre a situação foi essa. O território que hoje consolida a região já foi motivo de variados conflitos e guerras. Primeiramente entre Portugal e Espanha, depois, Brasil e Argentina, e, por fim, Santa Catarina e Paraná. Além disso, houve disputa com os nativos, em sua maioria da tribo Kaingang, que habitavam toda a extensão da região (PAIM, 2006).

Quando as disputas por terra acabaram, e o estado de Santa Catarina ficou com a posse da região, havia a necessidade de povoá-la, com o intuito de consolidar cidades e evitar mais conflitos, além de utilizá-la para produzir excedentes agrícolas para comércio. Assim, o governo do estado distribuiu grandes áreas aos influenciadores políticos da região e às companhias colonizadoras. Estas, por sua vez, subdividiram e venderam estas terras principalmente para filhos de imigrantes italianos e alemães, com a premissa de que eram terras férteis e ajudariam na manutenção socioeconômica desta classe. Tendo em vista que os compradores não tinham poder aquisitivo, seu meio de pagamento era pela própria mão de obra. Assim, os colonos tinham de trabalhar para sua subsistência e para quitar suas dívidas para com as companhias. Deste modo, a



ideologia do trabalho foi fortemente incrustada nessa cultura, o que resultou no descaso para com a conservação de costumes culturais aprendidos com seus antepassados europeus (NODARI, 2002).

Como a região foi a última a ser ocupada no estado, as salas de cinema chegaram apenas em meados dos anos 1940, e atraíam principalmente o público jovem e estudantes, com exhibições de filmes no estilo Chanchada. Segundo os registros de público encontrados, as salas contavam em média com 100 a 200 pessoas por sessão inicialmente.

Neste início, e até os anos 1970 nas cidades menores e comunidades do interior, o filme chegava através dos ambulantes. Estes realizavam sessões ao ar livre, ou nos centros comunitários das igrejas. A população destas localidades também acessava os cinemas das cidades maiores, como Chapecó. Em 1946, inaugura-se nesta cidade o **Cine Ideal**, estruturado em madeira com 200 cadeiras, sem muito conforto, sendo voltado às classes populares. Em 1957, um novo Cine Ideal foi edificado, em alvenaria, com 750 bancos de madeira, tapetes e cortinas bordadas, conferindo um ar de modernidade ao local, mas que não atingiu o objetivo, que era diversificar as classes que o frequentavam. Relata-se que muitas pessoas fumavam e bebiam no local, e por algum tempo, foi conhecido pelo apelido de “Cine Pulguento” pois o espaço atrás da tela de projeção foi invadido por gatos, o que ocasionou uma infestação (THIES, 2016).

Nos anos 1960 e 1970, este tipo de lazer já estava muito mais disseminado nesta parte do estado, contando com salas de cinema voltadas para a elite, como por exemplo o **Cine Pepperi** em Itapiranga, com mais de 700 lugares, e o **Cine Astral** em Chapecó, com 990 assentos, projetores *Prevost* de fabricação italiana, considerados de grande qualidade para a época, além de *bombonière* e refrigeração. Em seu auge, o Cine Astral chegou a abrigar 1100 pessoas, exibindo filmes do Teixeira e do Mazzaropi (FLORÊNCIO, 2015).

Em Maravilha, há registro de inauguração do **Cine Geremia** em 1967, contando com 400 cadeiras de madeira. A sala funcionou por 18 anos, e seus maiores sucessos eram os filmes de Mazzaropi e Teixeira. Outros cinemas existiram na região entre os anos 1970 e 1980, em cidades como Palmitos, Concórdia, Joaçaba, Videira, Fraiburgo etc.





Quadro 8 - O Cine Ideal, em 1952 e o novo Cine Ideal em construção, em 1954. À direita, interior do Cine Astral, em 1970. Todos localizam-se em Chapecó.



Fonte: Acervo Pessoal da Família Tomazelli

O primeiro Cine Ideal foi demolido. A segunda edificação do Cine Ideal atualmente funciona como uma loja de confecções. O Cine Astral fechou por falta de público e foi dividido em salas comerciais.

Nas décadas de 1980 e 1990, variados fatores foram responsáveis pela diminuição da popularidade das salas de cinema. Primeiramente, muitas salas incendiaram, como o Cine Pepperi, pois os projetores atingiam altas temperaturas, resultando assim em uma falta de confiança por parte da população, que começou a entender estes lugares como inseguros. Além disso, o quadro da economia do Brasil não se encontrava em bom estado, e a popularização da televisão ocasionou um déficit maior ainda no público. No final dos anos 1990, as locadoras de filmes começaram a se propagar no mercado, acabando enfim, com a pouca movimentação que ainda existia nas salas de rua. Nos anos 2000, percebe-se um movimento de retorno das salas de cinema ao oeste catarinense, paradoxalmente, na carona do crescimento das redes de shopping center.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema chega ao estado de Santa Catarina pelas mãos dos ambulantes, que percorriam a vertente litorânea do estado desde os primeiros anos do século XX. Na década de 1910, ocorre a instalação das primeiras salas fixas do estado, com exceção da região oeste catarinense, onde as salas fixas aparecem tardiamente, a partir dos anos 1940. Evidentemente, este fato decorre do processo de colonização da região, que se iniciou efetivamente também nos anos 1940.

As edificações propriamente construídas para serem cinema aparecem da metade para o final da década de 1930, nas cidades de Florianópolis, Lages, Joinville e Blumenau. Neste contexto, tem destaque a obra do arquiteto Wolfgang Ludwig Rau, que realizou projetos para várias cidades do estado, a exemplo dos cines Marajoara e



Tamoio e Lages e do Cine Mussi em Laguna. A rede exibidora de Lages adquire importância no contexto catarinense, pois foi a única que conseguiu modernizar-se ao longo dos anos, vindo a constituir a rede de cinema Arco Íris, atualmente denominada de Arcoplex.

Destaca-se que a organização da exibição cinematográfica no estado corresponde a aspectos da organização territorial de Santa Catarina. Entender o acesso da população residente na região ao cinema é uma tarefa complexa, pois a existência de salas de cinema na cidade, nem sempre significa a possibilidade de o habitante visitá-la. Do mesmo modo, a ausência de salas no município não implica necessariamente à falta de acesso, pois, a presença de vias e meios de transporte os quais oportunizem a chegada do espectador aos pontos de exibição, é um fator que influencia cada caso individualmente. É preciso entender o território para entender o acesso ao cinema. Neste sentido, a rede urbana de Santa Catarina, por ser democrática segundo a conceituação de CORREIA (1989), ou seja, com a forte presença de cidades médias enquanto centros regionais, proporciona uma distribuição das poucas salas de cinema por todo território.

Na pesquisa, sobressai o fato de que as salas de cinema são pontos focais da nova paisagem urbana na qual tem lugar a vida moderna. O cinema, esta arte-técnica, trouxe a magia da modernidade para as pequenas cidades catarinenses. Pode-se dizer, que as pequenas cidades participaram do fenômeno da modernidade inicialmente através destas edificações. É notável, que o espectador interiorano frequentava o cinema não apenas para assistir ao filme, mas, também, para estar naquela magnífica construção e usufruir daquela arquitetura. O cinema era um lugar para ser visto, e frequentá-lo significava participar dessa modernidade. Cinema e arquitetura, duas grandes artes emancipadas pela expansão da indústria na passagem do século XIX para o XX, reunidas em um ponto da cidade, irradiavam curiosidade e movimento. Conforme Benjamin (1991), na modernidade, as próprias construções arquitetônicas e urbanísticas passam a ser vistas como obras de arte.

Com o fechamento das salas de rua, os centros tradicionais das cidades perderam movimento noturno e viram enfraquecer seu caráter de lugar de encontro e sociabilidade urbana. As calçadas, que antes abrigavam o burburinho das filas para o ingresso ou para a pipoca, converteram-se em lugares de passagem durante o dia e quase desertos a noite.



## 9 REFERÊNCIAS

ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro**: 2015. Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: <

[http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/anuuario\\_2015.pdf](http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/publicacoes/pdf/anuuario_2015.pdf)>. Acesso em 28/02/2017.

**ATLAS GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA: ESTADO E TERRITÓRIO.**

Secretaria do Estado de Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia.

Florianópolis: Ed. da Udesc, 2013.

BENJAMIN, Walter; KOTHE, Flavio Rene. **Walter Benjamin**: sociologia. 2.ed. São Paulo: Atica, 1991.

BONA, Rafael Jose. Do Teatro Frohsinn aos cinemas do shopping: a história do cinema em Blumenau. In.: REIS, Clóvis (Org.). **Realidade regional em comunicação: perspectivas da comunicação no Vale do Itajaí**. Blumenau: Edifurb, 2009.

CORREA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Atica, 1989.

FLORÊNCIO, Carolina Boufleuer. **Projeto Experimental II: Projeto de documentário Memórias de uma sala escura**. 2015

LAVOURA, Cesar. **O poder simbólico das artes: teatro e cinema nos tempos da Princesa da Serra**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2013.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 1998.

MUNARIM, Ulisses. **Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Urbanismo História e Arquitetura. Florianópolis, 2009.

NODARI, Eunice Sueli. **Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras**. Departamento de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2002.

PAIM, Elison Antonio. **Aspectos da construção histórica da região oeste de Santa Catarina**. 2006.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. Lages: Editora Uniplac, 2002.

PIRES, Zeca. **Cinema e história: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense**. Edifurb: Blumenau, 2000.



POZZO, Renata Rogowski. **O cinema na cidade:** uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Laguna-SC. Florianópolis: DIOESC, 2016.

POZZO, Renata Rogowski. **Uma geografia do cinema brasileiro:** bloqueios internacionais: contradições internas. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia. Florianópolis, 2015.

POZZO, Renata Rogowski. **Modernidade capitalista em Florianópolis-SC e a dinâmica do centro urbano.** 234 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010.

THIES, Janete da Costa. **Cine Astral:** Uma história para recordar na cidade de Chapecó (SC). 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo, Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2016.